

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 2 Maio – Agosto 2022

ARTIGO

AS PEQUENAS VENEZAS AMERICANAS: REVISITANDO AS MORADIAS DE PALAFITAS NAS TERRAS BAIXAS DA AMÉRICA DO SUL

Alexandre Guida Navarro*

RESUMO

Moradias sobre palafitas são um tipo de habitação humana registrado na longa duração. No continente americano, essas moradias foram comuns no período colonial em áreas predominantemente tropicais. No registro arqueológico brasileiro, destacam-se as habitações sobre palafitas da Baixada Maranhense conhecidas como *estearias*. O objetivo deste artigo é examinar a recorrência de moradias palafíticas nas fontes etnohistóricas das terras baixas da América do Sul para ampliar o conhecimento que já se tem sobre as palafitas do Maranhão. Informações sobre o tamanho dos assentamentos, o tipo de madeira utilizado, a razão da construção das aldeias no meio aquático e as atividades cotidianas dos povos que habitam essas construções foram mapeados, contribuindo, assim, para o melhor entendimento da distribuição de moradias palafíticas nas terras baixas da América do Sul.

Palavras-chave: palafitas; fontes etnohistóricas; cultura material; estearia; terras baixas da América do Sul.

*Professor Associado II da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenador do Laboratório de Arqueologia (LARQ), docente do Departamento de História (DEHIS) e do Programa de Pós-Graduação em História Conexões Atlânticas (PPGHIS) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e do Programa de Pós-Graduação em Diversidade Sociocultural (PPGDS) do Museu Paraense Emílio Goeldi. Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da University of Illinois Chicago. Av. dos Portugueses 1966 campus Bacanga, cep.: 65080-805, São Luís, Maranhão, Brasil. E-mail: altardesacrificios@yahoo.com.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8223-2144>.

SMALL AMERICAN VENICE: REVISITING STILT VILLAGES IN SOUTH AMERICA'S LOWLANDS

ABSTRACT

Stilt Villages are a type of human habitation recorded in the long term. On the American continent, these dwellings were common in the colonial period in predominantly tropical areas. In the Brazilian archaeological record, stand out dwellings on stilts known as *estearias* in the Baixada Maranhense. The purpose of this article is to examine the recurrence of stilt houses in the ethnohistorical sources of the lowlands of South America, in order to expand the knowledge that we already have about the stilt houses of Maranhão. Information on the size of the settlements, the type of wood used, the reason for the construction of villages in the aquatic environment and the daily activities of these peoples were mapped, thus contributing to a better understanding of the distribution of stilt villages in the lowlands of South America.

Keywords: stilt villages; ethnohistorical sources; material culture; *estearia*; South American lowlands.

LAS PEQUEÑAS VENECIAS AMERICANAS: REVISITANDO LOS PALAFITOS EN LAS TIERRAS BAJAS DE AMÉRICA DEL SUR

RESUMEN

Viviendas sobre palafitos son un tipo de habitación humana registrada a larga duración. En el continente americano, estas viviendas eran comunes en el período colonial en áreas predominantemente tropicales. En el registro arqueológico brasileño destacan las habitaciones sobre palafitos en la Baixada Maranhense conocidas como *estearias*. El propósito de este artículo es examinar la recurrencia de los palafitos en las fuentes etnohistóricas de las tierras bajas de América del Sur, con el fin de ampliar el conocimiento que ya se tiene sobre estas viviendas en Maranhão. Se cartografió información sobre el tamaño de los asentamientos, el tipo de madera utilizada, el motivo de la construcción de aldeas en el medio acuático y las actividades cotidianas de estos pueblos, contribuyendo así a una mejor comprensión de la distribución de los palafitos en las tierras bajas de América del Sur.

Palabras clave: palafitos; fuentes etnohistóricas; cultura material; *estearias*; tierras bajas de América del Sur.

[...] assim que adentramos o porto, encontramos uma população, isto é, um distrito ou vila, colocada sobre as águas, como Veneza, na qual havia cerca de 20 grandes casas... e firmemente fundadas sobre estacas de madeira, sólidas e fortes [...] (VESPÚCIO, 2014, p. 26).

INTRODUÇÃO

Moradias sobre palafitas são um tipo de habitação humana registrado na longa duração em todos os continentes, à exceção da Antártida. As palafitas mais antigas já documentadas correspondem a assentamentos que evidenciam a transição do Neolítico para a Idade do Bronze (*ca.* 5000 a 500 a.C.) na Europa. Estas estão localizadas na região Circum-Alpina, em países como a Suíça, França, Itália e Alemanha (BLEICHER, 2018) (Figura 1). A despeito das acirradas discussões sobre as causas para a escolha desse ambiente aquático, na atualidade se aceita que as moradias foram construídas em áreas alagadiças e não que houve um avanço natural das águas dos lagos que teriam inundado essas habitações (MAGNY, 2004; EBERSBACH, 2013). As evidências arqueológicas, como a existência de currais para a criação de gado, cabras e de porcos; o uso de rodas; o desenvolvimento da metalurgia; a construção de casas fortificadas e paliçadas; e as esferas de interação entre os assentamentos mais distantes como sofisticados colares de contas de vidro de procedência italiana encontrados nos assentamentos suíços são fortes argumentos para o estabelecimento de assentamentos humanos bem adaptados ao ambiente lacustre (PÉTREQUEIN, 2013). As palafitas Circum-Alpinas receberam o título de Patrimônio da Humanidade em junho de 2011.



Figura 1. Reconstrução das palafitas neolíticas (Pfahbauten) no lago Constança, Alemanha. Fonte: Alexandre Navarro.

A África também tem sua Veneza. Situada no lago Nokoué, no Benin, Ganvié é uma grande cidade com mais de 3 mil casas sobre palafitas que remontam ao século XVII. Por conta da expansão do império português que passou a recrutar negociantes do grupo Fon, que pertencia ao poderoso império Daomé, esses começaram a perseguir o grupo Tofinu com o objetivo de buscar escravos. Sabendo que os Fon tinham o lago Nokoué como sagrado e, portanto, não podiam guerrear em suas águas, os Tofinu decidiram construir suas moradias dentro d'água, fugindo, desse modo, de seus algozes. Hoje, os moradores de Ganvié vivem essencialmente da pesca. Dentro da cidade há, inclusive, hospitais e uma mesquita (PÉTREQUIN; PÉTREQUIN, 1984) (Figura 2).



Figura 2. Palafitas no lago Ganvié, Benin, África. Fonte: Wikipedia.

Palafitas são muito comuns no sudeste asiático desde a Pré-História, sobretudo nas ilhas da região. Possuem a função de moradia e são construídas para evitar as constantes enchentes da época das chuvas. Diferentemente do período pré-colonial, as madeiras das palafitas insulares asiáticas de hoje são de madeira de pouca resistência, como o bambu. Desse modo, essas moradias acabam não sendo permanentes (LICO, 2008). Exemplo dessas construções são as palafitas da cidade de Nyaung Shwe dentro do lago Inle, em Mianmar, e as de Hanuabada, na Papua Nova Guiné (Figuras 3 e 4). Outrossim, palafiteiros portugueses, conhecidos como *avieiros* ou *palheiros*, ainda vivem da pesca às margens do rio Tejo desde o século XIX (OLIVEIRA; GALHANO, 1964).



Figura 3. Palafitas da cidade de Nyaung Shwe dentro do lago Inle, Mianmar, sudeste asiático. Fonte: Wikipedia.



Figura 4. Palafitas de Hanuabada na Papua Nova Guiné. Fonte: Wikipedia.

No continente americano, moradias sobre palafitas são comuns até os dias de hoje. A maioria está localizada na Amazônia e estão situadas em áreas ribeirinhas ou várzeas de florestas tropicais. Este tipo de moradia, que obedece a variação das marés, é uma forma eficaz de adaptação ecológica devido à fartura de peixes nessas áreas, bem como à boa locomoção através de lanchas. A mais conhecida delas é a cidade de Afuá, localizada na ilha de Marajó, no Pará. Foi fundada no século XIX e hoje possui uma população de

quase 40 mil habitantes (IBGE, 2016). A escolha suspensa de moradia na Amazônia é, portanto, um gosto cultural, diferentemente das palafitas urbanas de outras regiões do Brasil como em Recife, na Baixada Fluminense e Santista. Estas são fruto do descaso das políticas públicas governamentais frente ao crescimento desordenado das cidades e, conseqüentemente, do descaso habitacional, da falta de saneamento básico, da destruição do meio ambiente, da migração e da pobreza propriamente dita (SANTOS, 2006, 2004).

PALAFITAS NO CIRCUM-CARIBE, ANTILHAS E COSTA DO PACÍFICO

O *Handbook of South American Indians*, editado por Julian Steward em 1948, apesar de sua orientação a partir de um determinismo ecológico, é uma valiosa fonte de compilação da documentação etnohistórica e etnográfica sobre as habitações palafíticas no continente americano.

Essas moradias foram mais comuns nas bacias dos rios Orinoco (Guianas, Suriname e Venezuela) e Amazonas (Peru e Brasil). Segundo o compêndio, palafitas parecem ter sido comuns também na porção circum-caribenha da América do Sul, sobretudo na região de Cauca-Atrato na Colômbia (STEWART, 1948). Segundo Steward (1948), o grupo indígena horticultor Chocó construiu aldeias circulares cobertas com palhas sobre palafitas na costa Pacífica da Colômbia. As casas, sustentadas geralmente por quatro esteios, não eram grandes, e nelas viviam várias famílias. Os Toro, que viviam no arquipélago de Bocas de Toro na costa caribenha da Colômbia, também construíam casas nas árvores na época das cheias (HERNÁNDEZ DE ALBA, 1948). Os grupos indígenas colombianos Chocó e Barbaça tinham contato com os Guamo e Taparita, que viviam em palafitas no lago Maracaibo na Venezuela (KIRCHHOFF, 1948). Segundo Kirchhoff (1948), moradias palafíticas também foram construídas pelos Antiochia, cujas aldeias abrigavam até 200 pessoas e faziam o uso de escadas para acessar às casas. Já os Catío tinham casas suspensas que se elevavam, surpreendentemente, sobre sete metros de altura. Ainda com relação aos Antiochia, suas palafitas também eram defensivas, pois a partir delas lançavam-se água fervente em seus inimigos. Ainda nas terras baixas da Colômbia, os Quiriquire fugiam do incômodo dos mosquitos e por isso preferiam morar em palafitas no meio dos rios (HERNÁNDEZ DE ALBA, 1948).

Os Cuna, povo de língua chibcha do arquipélago panamenho de San Blás, no golfo do Urubá, viviam em palafitas durante o período pré-colonial e colonial (STOUT, 1948). Segundo este pesquisador, as casas eram retangulares. Para acessar às casas suspensas havia escadas. A cozinha era formada por um cômodo anexo a cada casa, sustentada por três esteios. Uma casa permanente era destinada aos xamãs, onde eram realizados rituais coletivos.

Nas terras baixas do noroeste do Equador, às margens do rio homônimo, na atual província de Esmeraldas (Figura 5), ainda vivem os Cayapa (Chachi). São sobreviventes da Conquista (BARRET, 1925). Falam a língua Chaapalachi, pertencente ao tronco Macro-Chibcha. Segundo Barret (1925), que visitou os Cayapa no início do século XX, estes habitavam aldeias com três casas retangulares suspensas por palafitas, onde viviam geralmente duas famílias. Havia ainda um templo ou adoratório, em cujas fontes são mencionados como “igrejas”, e um espaço para armazenamento de alimentos. Às vezes, a casa era dividida em dois cômodos, sendo um destinado à cozinha e o outro para realizar as refeições e dormir. Os esteios eram confeccionados a partir da madeira chamada *guayacan* (gênero *Tabebuia*) e “(...) fornecem os quase indestrutíveis pilares para as estruturas das casas” (BARRET, 1925, p. 7, *tradução minha*). Cada esteio media entre 1,8 a 3,6 metros de altura e o espaço entre o assoalho da aldeia e a lâmina d’água variava entre 0,6 e 1 metro. Para chegar às casas eram necessárias escadas, que eram móveis (Figura 6). Além desta divisão, ainda havia uma casa maior, a “Casa Grande”, que cabia até 40 pessoas

e era destinada ao chefe. Segundo Barret (1925), esta possuía 27 metros de comprimento por 13 metros de largura (Figura 7).

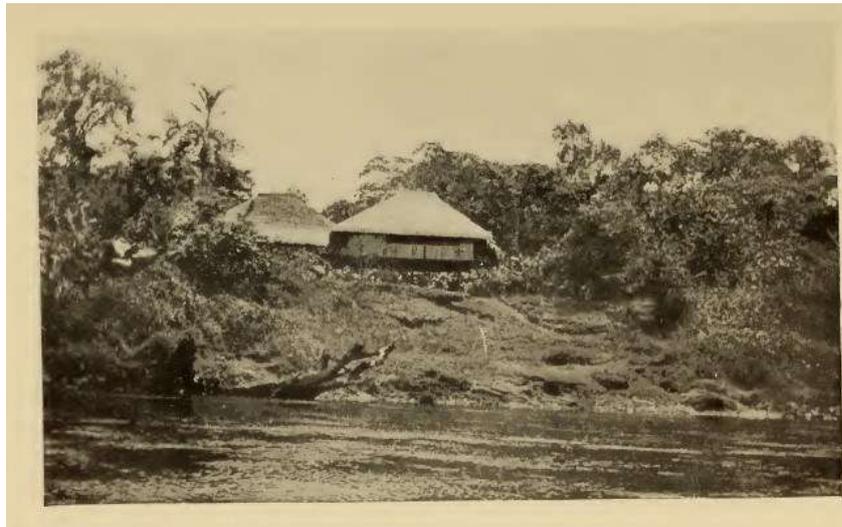


Figura 5. Aldeias palafíticas no Equador. Fonte: Barret, 1925, p. 49.



Figura 6. Note-se o tamanho dos esteios na casa ao fundo. Fonte: Barret, 1925, p. 64.



Figura 7. Aldeia de palafitas entre os Cachi no Equador. Fonte: Barret, 1925, p. 54.

Em Cuba, Rouse (1948) relatou que os grupos Ciboney viviam em palafitas. Parece que os Ciboney foram os primeiros ocupantes de Cuba que chegaram à ilha a partir da Venezuela em 2500 a.C. Harrington (1921) coletou uma informação importante acerca deste grupo por um morador da Laguna del Tesoro:

O [sítio] Cayo de las Estacadas está quase inundado [...] pelo pântano adjacente... [onde]... encontramos numerosas fileiras de esteios cravados na terra, dos quais se projetam a uma grande distância. Todos os esteios foram colocados em ordem regular, indicando que foi obra do homem, e a distância entre eles é de cerca de três metros. Todos os esteios eram de *yana*¹, com um comprimento de aproximadamente 10 metros [...] enquanto que a parte que estava acima da superfície está exposta à ação do sol, umidade, etc., apresentava-se definhando [...]. Tudo indica que as fileiras de esteios sustentavam um grande número de casas empoleiradas sobre eles nos tempos antigos. (HARRINGTON, 1921, p. 77).

Continuando a descrição, o informante narra que os esteios devem ter sido o suporte de uma aldeia lacustre, hipótese reforçada pela grande quantidade de conchas encontradas nas margens da lagoa e dos pesos de rede confeccionados em pedra encontrados pelo próprio informante. Ainda ratificando a grande quantidade de esteios, conclui sua descrição afirmando que a aldeia em questão deveria ter sido muito populosa. Rouse (1948) observa que os Taíno, um grupo Aruak que vivia ao longo da costa cubana, também tinham o costume de construir casas sobre palafitas.

Ainda nas Antilhas, o colonizador espanhol Gonzalo Fernández Oviedo y Valdés, que participou das expedições de Conquista no Caribe, relata, em sua obra *Historia General y Natural de las Indias* (1851[1535], p. 265-267, Parte I), a existência de moradias em palafitas chamadas de *barbacoas* na ilha de São Domingos (Porto Rico e Haiti): “este

¹ Árvores da família Combretaceae, bastante resistentes. Em Cuba, destaca-se a espécie Cortés amarillo (*Terminalia amazonia*), que está ameaçada pela sistemática exploração comercial, e cuja madeira é utilizada na fabricação de móveis e pisos.

respecto los hacen estar encima de los árboles y de andamios que les hacen de madera é cañas é cubiertos, como ramadas, por el sol é el agua, é á estos andamios llaman *barbacoas...*”. O mesmo militar (1852 [1535], p. 300, Parte II, Tomo I) narra outros conjuntos palafíticos na Colômbia, chamando-lhe a atenção alguns costumes indígenas como o estojo peniano dos homens adultos, algo “muy notable em la cosmografía destas partes”. Continua o relato o militar: “Y en toda esta laguna á la redonda del estrecho della adentro, están muchas poblaciones de pueblos pequeños y medianos de indios, quo llaman onotos y guiriguiris, los cuales viven dentro del agua sobre barbacoas é buhíos de madera altos, que debaxo dellos andan y pasan canoas”. Segue a narração observando as atividades guerreiras: “Todas estas gentes que viven en torno desta laguna, son gente pobre, y en el agua belicosos y diestros flecheros” (OVIEDO y VALDÉS (1852 [1535], p. 301, Parte II, Tomo I).

Chegando à Cartagena, na Colômbia, o colonizador e militar espanhol encontrou mais grupos de palafiteiros. Indagados sobre o porquê da construção sobre esteios, seus interlocutores indígenas responderam que era para fugir de seus inimigos, uma vez que estes tinham o hábito de queimar as suas aldeias, conhecidas pelos espanhóis como barbacoas. Veja-se essa passagem, em que novamente fica clara a questão defensiva. A tática do uso de água fervente para ludibriar os inimigos foi observada, também, entre os Quiriquire, segundo o relato de Hernández de Alba (1948), discutido há pouco:

Desde allí envió el licenciado á correr la tierra parte de los españoles, é dieron en unas barbacoas armadas cada una sobre treynta é quarenta é sessenta vigas ó grandes estantes, y encima el buhío ó casa con sus saeteras, assi en lo alto como por el suelo, é desde allí se defendían con lanças é piedras é agua caliente, é tomóse una dellas, y entre tanto que los españoles combatían, huyeron de las otras los indios. É preguntando qué era la causa por qué hacían sus moradas de aquella manera, dixeron que porque de la otra parle del rio é por él, venían unos indios pequeños barbudos, de noche y los salteaban, é les quemarían las casas mas ayna, si de otra manera las hiçiesen (OVIEDO y VALDÉS (1852 [1535], p. 455, Parte II, Tomo I).

E, ao ingressarem no rio San Juan, no golfo de Urabá, no Panamá, Oviedo y Valdés (1853 [1535]) faz este relato sobre as impressionantes moradias palafíticas em águas bravias:

[...] é en las costas del rio hallaron muchas poblaciones en barbacoas ó casas muy altas, fechas é armadas sobre postes de palmas negras fortísimas é quassi inexpugnables, á causa del sitio é riberas grandes donde están fundadas, é por la forma y edefiçio dellas son invencibles mucho mas de lo que sin verlas se puede considerar, é viéndolas, es cosa mucho para admirar. (OVIEDO y VALDÉS, 1853 [1535], p. 50, Parte II, Tomo II).

Revela-se importante, novamente, o caráter bélico dessas moradias, uma vez que “[u]na destas casas fué combatida por los españoles en la provincia de Taluma, y eran mas de doscientos hombres á la combatir é no la pudieron tomar” (OVIEDO y VALDÉS (1853 [1535], p. 50, Parte II, Tomo II).

Chegando ao Peru, o referido cronista menciona moradias em palafitas na costa norte, em regiões onde chove muito e com muitos rios: “... desde aquella tierra á la parte de háçia Levante çient leguas [...] é más poblada la costa, é la gente que la habita son flecheros, é viven en barbacoas ó casas sobre árboles ó postes altos é de árboles, como las

que hay en el rio Grande de la culata del golpho de Urabá” (OVIEDO y VALDÉS, 1855 [1535], p. 220, Parte III, Tomo IV). Chamam a atenção as esferas de interação entre os povos que habitavam esta região e os das terras altas no Peru, uma vez que estes portavam narigueiras e adornos auriculares confeccionados em ouro:

hallábase en poder de los indios mucho oro labrado, é traian çarçillos dello en las orejas é narices y en otros cabos; é por allí se hallaron algunas madexas de oro tirado, é deçian los indios que avian este oro de una gente que habitan detrás de una cordillera de sierra que va prolongada toda la tierra, á veynte leguas ó menos de la costa de la mar, ó deçian que era muy buena tierra la de la otra parte de la dicha sierra. (OVIEDO y VALDÉS, 1855 [1535], p. 220, Parte III, Tomo IV).

AS PEQUENAS VENEZAS DO ORINOCO

Partindo de Cádiz, na Espanha, em 1497, Américo Vespúcio realizou sua primeira navegação rumo ao continente americano a serviço das coroas portuguesa e espanhola. Em sua primeira carta apócrifa, que corresponde ao corpus documental do *Mundus Novus e Quatro Navegações*, o renascentista e cosmógrafo florentino relatou a vida dos povos indígenas que encontrou no norte da América do Sul, mais precisamente na Venezuela. Fazendo parte da expedição de Alonso de Ojeda, que pretendia encontrar uma passagem para as Índias ocidentais a partir do Oeste, Vespúcio fez um eloquente registro em 1499 sobre os grupos indígenas que viviam em palafitas na costa venezuelana:

As habitações são comuns a todos, e as casas são construídas à semelhança de sinos, firmemente consolidadas com grandes árvores, cobertas no alto com folhas de palmeira, muitíssimo seguras contra ventos e tempestades, e tão grandes em alguns locais que numa só vimos que havia 600 pessoas. Entre essas, encontramos oito casas ocupadíssimas, a tal ponto que nelas moravam até 10 mil almas. A cada oito ou sete anos, transferem as moradias e habitações, e, quando lhes perguntamos o motivo, deram uma resposta natural, dizendo que o calor do sol violento é que os obrigava, porque residir por longo tempo no mesmo lugar sob tal calor tornava o ar infestado, causando-lhes várias doenças, argumento que não nos pareceu mal acolhido (VESPÚCIO, 2014, p. 23).

Discorrendo ainda sobre o modo de vida dessas populações, como as práticas funerárias e o canibalismo, Vespúcio narrou a chegada da nau comandada por Alonso de Ojeda ao delta do Orinoco:

[...] assim que adentramos o porto, encontramos uma população, isto é, um distrito ou vila, colocada sobre as águas, como Veneza, na qual havia cerca de 20 grandes casas, construídas à guisa de sinos, como já se referiu, e firmemente fundadas sobre estacas de madeira, sólidas e fortes, diante de cujos portais se estendiam pontes levadiças por meio das quais se passava de uma casa à outra como se por uma estabilíssima calçada (VESPÚCIO, 2014, p. 26).

Trata-se dos Warao, que ainda hoje vivem sobre palafitas (ROOSEVELT, 2019) (Figura 8). Nos dois trechos acima, fica evidente a surpresa dos europeus para com o tamanho das aldeias. Ainda com relação à expedição de Ojeda, os reis católicos, baseando-se na exitosa exploração de pedras raras (como pérolas e esmeraldas) por parte da

expedição de Niño e Guerra relatada por Anglería, chamam à atenção dos Warao do Orinoco para que comercializem pedras verdes com os povos do interior, sendo que:

[...] aentreis en la isla e en las otras que alli estan cerca della, que se dicen Quinquivacoa en la parte de la tierra firme donde estan las piedras verdes, de las cuales truxistes muestra, e traigais dellas las mas que pudierdes, e aver asimismo de las otras cosas que truxistes en este camino en las muestras. Estas piedras quizd las encontrarla entre los indios del golfo de Venezuela o del lago ya que, como sabemos, comerciaban con la meseta chibcha, de donde habian de proceder, del mismo modo que las referencias del oro (ANGLERÍA, 1964 [1516], p. 317).



Figura 8. Theodore de Bry registra uma aldeia de palafitas no delta do Orinoco, Venezuela.
Fonte: Andrä e Falcão, 1966, p. 198.

Os Warao vivenciaram um segundo encontro com os europeus, depois destes terem saído de Maracaibo. Gumilla (1731), missionário jesuítico español, registra que:

“[e]n estas islas [...] vive la nación Guarau ou Guaraúna; y es cosa maravillosa, que puedan vivir en ellas, por estar anegadas durante los seis meses de creciente del Orinoco, y en los otros restantes se anegan dos veces a cada día, con el flujo y el refluxo de las marés”. (GUMILLA, 1731, p. 143).

Justificando que a razão da construção das palafitas em ambiente lacustre deve-se à abundância de peixes, Gumilla (1731) faz uma descrição precisa dessas moradias:

Pasemos ya de nuestra lancha á su Plaza, y registremos sus casas. Gran maravilla es en Europa ver la bellísima ciudad de Venecia, y parte de la rica Ciudad de Liorca, fundadas en el agua, mas a solidéz de sus fábricas quita en gran parte el estúpido, que causan unas habitaciones tan irregulares; pero aquí en nuestros Guaraúnos, que sobre estacas y maderos, sumergidos por el cieno, hasta que dan sus puntas en suelo firme , levantan en el ayre, y sobre el agua sus casas, calles y la plaza: ¿quién no se maravillará de una fábrica tan singular como débil? pues ahora voy á decir lo mas raro, y que mayor armonía me hizo en las dos ocasiones que estube en estos Pueblos; y es que puestas todas las estacas necesarias tan altas, que ni las marés del tiempo de las crecientes del Orinoco las cubren, arriman e clavan, arrimados á las dichas estacas, los maderos necesarios, con la altura competente para levantar sus casas; y esto así prevenido, van poniendo travesaños y enmaderados desde unas á otras estacadas, y sobre estos enmaderados forman un tablado general á todo el Pueblo del duro tronco ó cascaron de las *palmas* que ya hayan disfrutado. (GUMILLA, 1731, p. 145).

Sobre esta passagem várias ponderações podem ser feitas. Gumilla descreve uma sociedade bem adaptada ao meio aquático, revelando uma organização social para a extração e colocação de grandes esteios em meio às movimentadas marés do rio Orinoco. Estacas amarradas formam um tablado sobre os esteios possibilitando o tráfego nesse espaço construído. Nessa arquitetura em madeira, Gumilla (1731) também destaca um recinto coletivo em que os índios “dan saltos y brincos de placer á su Plaza; y de ordinário los hallamos em ella baylando y cantando, que es su ordinaria ocupación” (GUMILLA, 1731, p. 144). Sobre as palmeiras, que parecem ter sido a matéria-prima para a construção das habitações, o jesuíta observa que os índios as utilizavam para várias atividades, dentre elas o consumo alimentar e a confecção de adornos e canoas (Figura 9).



Figura 9. Palafita Warao no delta do Orinoco. Fonte: Wikipedia.

Adentrando o século XIX, Hilhouse (1834) ainda observa os Warao construindo suas habitações em palafitas, no entanto trata-se de conjuntos menores construídos com palmeiras do gênero *Mauritia* e dispostas de modo irregular dentro dos rios. No rio Barima, afluente do Orinoco, Schomburgk (1847-1848) registra esteios de 2 a 2,5 metros dispostos dentro dos rios para servir de moradia para os grupos indígenas. Kidder II (1948) ainda viu essas moradias, descrevendo certa desorganização em comparação com as descritas pelos cronistas, relatando de 6 a 8 conjuntos arquitetônicos construídos dentro dos rios. Em recente estudo revisionista, Roosevelt (2019) observa a organização social dentro de uma aldeia palafítica Warao, em que se destaca conjunto arquitetônico destinado à dança ritual, um que corresponde à reclusão das mulheres e outro, a um adoratório onde eram cultuados os deuses ancestrais.

Na costa noroeste da Venezuela, também viviam palafiteiros que ocuparam tanto o interior como as margens do lago Maracaibo, como os Quiriquire (Karib), Jirajara (Arawak) e Caquetío (Arawak), sendo que estes últimos chegaram às ilhas de Aruba e Curaçao (KIDDER II, 1948). Este parece ter sido o local primeiro em que poder ter ocorrido o contato entre os tripulantes da expedição de Ojeda e os palafiteiros.

Segundo Simón (1882-1892, p. 37), a escolha pelo ambiente lacustre na costa noroeste da Venezuela deve-se à maior segurança e à melhor obtenção de peixes e crustáceos. Ainda segundo este cronista, as aldeias ficavam escondidas em meio ao junco e às plantas aquáticas, evitando, assim, serem facilmente identificadas. Os Paraujano visitados por Kidder II em 1935 eram os remanescentes de palafiteiros coloniais. Salas (1920) relata que os Jirajara usaram esteios para construir a cidade colonial de San Felipe de Barbacoas, utilizando, portanto, seu conhecimento ancestral. Antolínez (1943) descreve as moradias palafíticas dos Jirajara como sendo retangulares, havendo uma casa (piache) destinada ao xamã.

Walter Raleigh (1596) esteve no Brasil, nas Guianas e na Venezuela comandando uma companhia de comércio de escravizados e de especiarias. Acreditando ter encontrado o El Dorado no delta do rio Orinoco, o cronista fez um relato eloquente sobre o povo Tivitivas (Warao):

Esses Tivitivas são um povo muito valente... No verão, eles têm as casas no chão, como em outros lugares; no inverno, habitam as árvores, onde constroem vilas e aldeias ... assim como aquelas que as fazem nas terras baixas perto do golfo de Uraba. Pois entre maio e setembro o rio de Orinoco sobe trinta pés de altura, e então aquelas ilhas são inundadas vinte pés de altura acima do nível do solo, salvo alguns poucos terrenos elevados no meio delas; e por esta causa eles são obrigados a viver dessa maneira (RALEIGH, 1596, p. 50, [tradução nossa]).

Na passagem acima o autor também se refere aos Warao como bons guerreiros. Além disso, observa que as palafitas estavam a 20 pés de altura, o que corresponde a um pouco mais de 6 metros, devido às inundações do delta do Orinoco na época chuvosa.

AMAZÔNIA: O INFERNO VERDE?

Habitações palafíticas pré-coloniais também parecem ter sido comuns na bacia amazônica. Francisco Vásquez (1561 *apud* SERRANO E SANZ, 1909), que esteve na expedição de Ursúa e Aguirre em busca do El Dorado entre o Peru e o Brasil, relata, em sua obra *Relación verdadera de todo que sucedió em la jornada de Omagua y Dorado*, o contato com alguns grupos palafiteiros. Descendo o rio Amazonas depois de cinco ou seis dias de viagem, Vásquez fez um registro de uma aldeia palafítica:

...Chegamos a umas casas fortes que os índios têm por ali, feitas em jirau, altas e cercadas de tábuas de palmeira e têm no alto troneiras para flechar, e de lá nos feriram os índios quatro ou cinco espanhóis, com vinte que se haviam adiantado com um chefe, e os fizeram recuar; quando chegou a armada a essa casa os índios haviam fugido (...) Quando queríamos sair daqui apareceram no rio muitas pirogas e índios, as quais, segundo alguns, seriam mais de 100, com muitos índios de guerra (PORRO, 1992, p. 94).

Segundo nota explicativa de Porro (1992), “[n]ão há como localizar essas aldeias fortificadas sobre palafitas, cinco ou seis jornadas abaixo da região de Tapajós; estariam possivelmente nas proximidades do Paru e do Xingu” (PORRO, 1992, p. 111). No entanto, algumas características importantes podem ser depreendidas desse trecho. Em primeiro lugar, a menção de casas fortes refere-se a uma aldeia fortificada, cercada por uma paliçada, um dado até agora inédito se comparado com as aldeias do Orinoco. A belicosidade é destacada pelos espanhóis, e esta é recorrente nos relatos etnohistóricos. Chama a atenção a construção de estruturas de madeira chamadas troneiras, que serviam para a defesa da aldeia. A menção de um chefe revela um aspecto político que parece corresponder a uma estratificação social. O contexto guerreiro revela, também, uma possível instabilidade política nessa região, provavelmente caracterizada por conflitos armados.

Na província dos Machifaro, ocorre um dos momentos mais tensos da viagem: pela disputa de poder, Aguirre assassina o comandante da expedição, Pedro de Ursúa. Em meio a esta instabilidade, os espanhóis continuam a viagem e chegam à maior aldeia já encontrada pelos colonizadores, povoada pelos Yurimáguas. O soldado Altamirano faz o seguinte registro:

E assim descobriu-se outra rota que saísse mais breve ao mar, e logo aos 4 dias de navegação demos numa povoação que tinha mais de 3 léguas, em que não havia distância de casa em casa, a qual de tempos em tempos se inundava quando vinha a enchente do rio, que inundava a terra por 200 léguas e mais, e para esse tempo tinham outras casas feitas como picasas sobre as árvores, com todo o necessário para poder viver durante o tempo em que há a enchente do rio, quando chove no Peru, por inundar-se a terra em mais de 200 léguas por ser chã. (PORRO, 1992, p. 102).

Alguns aspectos necessitam menção, sendo o mais importante deles o tamanho do assentamento (chamado de *picasa*), com cerca de 15 quilômetros de extensão. O próprio Porro (1992) pensa que esta aldeia deve ter sido a famosa “aldeia das louças” mencionada por Carvajal e que tanto o impressionara. Ainda para este pesquisador, essa aldeia deveria corresponder à Yurimagua, a maior do rio Solimões.

Uma descrição mais precisa, neste caso entre os Omáguas, sabidamente um grupo Tupi, pode ser encontrada nos diários de Samuel Fritz, missionário tcheco a serviço da Espanha no século XVII e cuja catequização centrou-se nas aldeias indígenas do alto Solimões. O padre fez a seguinte menção sobre a maneira em que os Omáguas construíam suas casas:

Enquanto dura a enchente, vivem as pessoas sobre uns jiraus que fazem de casas de árvores, entrando e saindo de suas casas em canoas; e não há quem os estranhe, porque o seu viver é andar continuamente por rios e lagunas pescando e remando, no que são destros mais do que qualquer outra nação (MORONI *apud* PORRO, 1992, p. 174).

É importante ressaltar que Nimuendajú (1948) registra que os índios Tikuna, habitantes do rio Solimões, quando construíam as aldeias nas margens dos rios ou em áreas alagadiças, costumavam fazê-las sobre palafitas. Lowie (1948) relata que entre os Bororo orientais há dois tipos de habitações, um correspondente à época seca e outro ao período chuvoso. Na época da cheia dos rios, esse grupo indígena costumava construir casas sobre palafitas a partir da colocação de uma estaca mestra no seu centro com várias vigas horizontais presas por outras duas grandes estacas bifurcadas. A cobertura da habitação era feita com palha. Por fim, segundo Vasconcelos (1865 [1663]), os Goitacazes, na atual cidade de Campos dos Goitacazes no Rio de Janeiro, também viviam em palafitas. Eram tapuias e estavam em constantes conflitos com os grupos tupi-guarani.

AS FONTES ESCRITAS SOBRE O MARANHÃO

Adentrando o território que hoje compreende o Maranhão, a primeira digressão fica por conta do padre franciscano Yves D'Évreux, que veio ao Brasil na expedição francesa de La Ravardiére entre 1613 e 1614 e escreveu a obra *Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Realizando uma expedição francesa a pedido de seus aliados Tupinambá, Ravardiére e seu exército francês, D'Évreux e estes vão à foz do rio Paruá, no atual Pará, guerrear contra os chamados Caramapin, inimigos ferrenhos dos Tupi. Assim D'Évreux descreve a incursão:

O rio Pará, desde a foz, ao longo das margens, é muito povoado de tupinambás; chegando à última aldeia, situada a 60 léguas da sua embocadura, todos os principais desses lugares lhe pediram insistentemente que fosse guerrear os camarapins, que são muito ferozes, que não querem paz como ninguém, e por isso não poupam os inimigos, pois quando os cativam, matam-nos e comem-nos; poucos dias antes tinham matado três filhinhos de um dos Principais dos Tupinambás daquelas regiões, e guardaram os ossos deles para mostrar aos pais a fim de mortificá-los ainda mais. Este exército de franceses e de tupinambás, em número de 1.200, saiu do Pará entrou no rio dos Pacajaras, daí dirigiu-se ao de Parisop, onde encontraram Uaceté ou Uacuaçu, que, simpatizando com este movimento, ofereceu para reforçá-lo 1.200 dos seus companheiros. Aceitou-se apenas um pequeno número deles, que os acompanhou, e os encaminhou ao lugar onde residiam os inimigos, os quais encontravam-se nas Iuras, que são casas feitas à imitação das Ponts aux Changes e de S. Michel de Paris, colocadas no cume de grossas árvores plantadas na água. Foram imediatamente cercados pelos nossos, que os saudaram com 1.000 ou 1.200 tiros de mosquetaria em três horas (D'ÉVREUX, 2008 [1615], p. 30).

A longa citação é necessária para explicar os acontecimentos. Em primeiro lugar, essa passagem faz alusão ao sentimento de vingança dos Tupinambá, já que os filhos de dois principais parecem ter sido consumidos em rituais de antropofagia. O fato de o evento ocorrer em aldeias ao longo do rio Pacajás, que parece estar coalhado de povos Tupi, leva a considerar, num primeiro momento, que os Camarapin são também um grupo Tupi. Além disso, os Camarapin também parecem ter elementos culturais em comum aos Tupi: o sentimento de vingança e o canibalismo ritual. Um elemento linguístico complica mais o cenário. D'Évreux menciona a palavra *iura* que, segundo Porro (1992), é de origem tupi e significa jirau. O combate foi violento. Portugueses e Tupinambá armam uma cilada e atacam a aldeia palafítica com 1.200 tiros de mosqueteira, uma arma de fogo semelhante ao arcabuz. O caos parece ter sido instaurado

e, seguindo a narração, “[s]obre alguns dispararam-se tiros de morteiro, e de canhão, incendiaram-se-lhes três *Iuras*, morrendo na ocasião 60 índios deles, o que somente serviu para mais aumentar-lhes o desespero, pois antes preferiam o fogo a cair nas mãos dos *tupinambás*” (D’ÉVREUX, 2008 [1615], p. 30, *grifos do missionário*). Uma mulher, provavelmente chefe da aldeia palafítica, com um pedaço de pano de algodão nas mãos, pede a palavra para “parlamentar” (negociar) o conflito, o que foi realizado a partir de gritos. Os intérpretes Tupinambá relatam a La Ravardiére que ela gritou ameaças, dizendo que já tinha comido carne Tupinambá e que esperava comer as deles também. Os Tupinambá pedem sua rendição pelo que a negociante brada: “Não, não...jamais nos entregaremos aos tupinambás; eles são traiçoeiros”. E continua: “Se for necessário, morreremos todos, voluntariamente, como fizeram nossos grandes guerreiros. Nossa nação é grande, e vingará a nossa morte” (D’ÉVREUX, 2008 [1615], p. 31).

A narrativa é complexa. No entanto, dois elementos discursivos depõem a favor de que esses povos das *Iuras* não eram Tupi. O primeiro deles foi a necessidade de intérpretes Tupinambá para mediar os conflitos. Embora os povos Tupi estivessem em constantes conflitos entre si, se a aldeia palafítica fosse Tupi não seria necessário o uso de intérpretes, uma vez que as diversas famílias falavam línguas afins, sendo, portanto, completamente inteligíveis entre seus falantes. Além disso, o próprio La Ravardiére entendia o Tupi. O segundo elemento é o uso da palavra *nação* pela possível chefe da iura usado para diferenciar a etnia de ambos os envolvidos no conflito. Por fim fica a pergunta: qual a natureza desse conflito a ponto de os Tupinambá se deslocarem 1000 quilômetros?

Os Camaparin parecem ter exercido um papel político importante na região, pois também são mencionados pelo militar português Diogo de Campos Moreno. Em carta escrita por Daniel de la Touche, sob o título de Senhor de La Ravardiére, contra o português Jerônimo de Albuquerque na luta contra o domínio francês no Maranhão, o referido sargento-mor escreve:

Nenhum principal destes não empreenderão guerra contra outros seus contrários, chamados tapuias, sem primeiro lhes pedirem licença, para o que lhes mandam seus agentes ou vêm eles mesmos a pedir-me a dita licença, e de próximos oito dias antes que chegassem os portugueses aqui vierem três principais do Pará e de Cajeté a me pedirem licença para irem fazer guerra a uma nação a 400 léguas de aqui, chamada Camarapi, sobre um rio chamado Pacajari (MORENO, 2011, p. 120).

A descrição da carta de La Ravardiére por Diogo de Campos Moreno coincide com a de D’Évreux. Este relata que no rio Pacajás havia povos indígenas que viviam em palafitas e que estavam em conflito com os Tupinambá. Portanto, temos a mesma informação dos dois lados, tanto dos portugueses quanto dos franceses. Moreno (2011) ainda se refere aos palafiteiros do Pacajás, afirmando que “... há uma [nação] sobre um rio da nossa baía, que é maior nação que toda a dos tupinambás” (MORENO, 2011, p. 122).

Se ainda restou alguma dúvida de os povos das iuras serem os Tupinambá, a documentação escrita pelo frade franciscano Antonio da Merciana sana esse problema. O referido religioso, que esteve na expedição do português Aranha de Vasconcelos para expulsar os estrangeiros do Grão-Pará, menciona que os Ingaíbas eram “gente [que] vive em giraos, casas levantadas a maneira de sobrados” (ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO. AHU-ACL-CU-013, Cx. 1, D. 9). Nesse sentido, esses povos que viviam na boca do rio Pacajás eram Ingaíba ou Nheengaíba, gentílico dado pelos portugueses aos povos que não falavam a língua geral, ou seja, o Tupi.

Dos adjetivos atribuídos aos Nheengaíba, o mais comum é a qualidade de “fereza” dos guerreiros. Uma eloquente descrição desses povos não Tupi é a do padre jesuíta

Antônio Vieira (1842), que diz: “Na grande boca do Rio das está atravessada uma ilha de maior comprimento e largueza que todo o Reino de Portugal, e habitada de muitas nações de Índios que por serem de linguas diferentes e dificultosas, são chamados geralmente Nheengaybas” (VIEIRA, 1842, p. 116). Vieira ainda descreve que as moradias dos Nheengaíba eram construídas nos chamados “rios de fosso” (VIEIRA, 1842, p. 117), ou seja, uma alusão às habitações em rios profundos, portanto, sustentadas por palafitas. Uma vez que muitos grupos indígenas localizados na ilha de Marajó e nas terras adjacentes pertencem ao tronco Karib (NIMUENDAJÚ, 1941), sugere-se, como reflexão, que os povos palafíticos das iuras pertenceram também a este grupo.

Já no século XVIII, o jesuíta João Daniel, em sua obra “*Tesouro Descoberto no Máximo Rio Amazonas*”, na seção em que descreve os afluentes do Amazonas, revela que:

Purus é uma nação que habita sobre os lagos do rio Purus, que dele tomou o nome. Não tem uso de comer a farinha de pau, como todas as mais nações do Amazonas; não sei se por não terem o trabalho de a cultivar, se por não serem aptos para estas sementeiras os seus lagos; porque quer terra firme a mandioca, em lugar dela têm por sustento usual várias frutas do mato, de que fazem farinha, ou as comem e levam assim mesmo a dente, como macaco. Também não usam de arcos-e-frechas, como os índios, mas todas as suas armas são a balesta, em que são destríssimos, e mais que insignes frecheiros (DANIEL, 2004 [1757-1776], p. 360).

Em outra passagem, o jesuíta fornece a explicação para a escolha destes indígenas pelo ambiente aquático: a obtenção de alimentos e a proteção contra os inimigos de terra-firme.

Muitas nações vivem sobre lagos, ou no meio deles, onde têm em cima da água as suas casas feitas da mesma sorte, e só com o ádito de serem de sobrado, que levantam de varas, e ramos de palma, e nelas vivem contentes, como peixe na água. A razão de fabricarem nos lagos as suas povoações e moradias é em uns pela grande fartura que neles têm de tartarugas, bois marinhos, e mais pescado, em outros é para estarem mais seguros dos assaltos dos seus inimigos (DANIEL, 2004 [1757-1776], p. 280).

No apartado sobre características gerais das nações do “Grande Amazonas”, como costumes e religião, João Daniel faz um relato eloquente sobre as técnicas construtivas empregadas na construção das casas de palafitas:

Sendo tão despido dos haveres do mundo, e da vida tão silvestre, já se vê que à sua semelhança a proporção hão de ser os seus fracos palácios, e pobres casas, as quais consistem em levantarem uns esteios, que cobrem por cima com folha de palmeira por causa da chuva e do sol: à roda lhes atam umas varas, e nelas enleiam outras palmas. Não necessitam de pregos para segurarem os esteios, nem para segurança dos caibros, travessas, paredes, e telhados, porque tudo vai atado com cipós, excelentes cordas da América; e fora as portas precisas, não se cansam com mais janelas, pois entre a pindoba dos lados permeiam os ventos, e entra a claridade necessária (DANIEL, 2004 [1757-1776], p. 279).

Um relato adiante traz à cena a divisão social das casas dentro da aldeia e a disposição dos cômodos e suas funções, provavelmente se referindo ainda aos Purus:

Costumam a fazer estas casas tão grandes, e espaçosas, que há povoações que não têm mais que uma, onde vivem para cima de 100 a 200 pessoas; e posto que há mais casas, todas são de bom tamanho, e capazes de hospedar muita gente. Não usam nelas de repartimento algum de salas, nem de câmaras, alcovas, e menos de gabinetes; mas toda a casa é uma sala grande, larga, e espaçosa, na qual levantam muitas estacas, e a elas atam suas maquiras, que juntamente fazem as vezes e leitos, e camas; e e ali vivem pais, mães, filhos, filhas e parentes todos juntos...e ordinariamente fazem uma grande fogueira no meio deste espaçoso caldeirão, onde cozinham o que têm, e também lhes serve de noute de lucerna, em lugar das candeias, velas alâmpadas, ou placas, de que não usam, nem julgam necessárias (DANIEL, 2004 [1757-1776], p. 279-280).

Por fim, faz-se ainda uma observação atenta e cuidadosa sobre a hierarquia da arquitetura, revelando um espaço maior destinado às reuniões coletivas do grupo:

Têm nas suas povoações, além destas casas particulares, outra muito maior, a que chamam casa do maricá, comum a todos, e é ordinariamente descoberta pelos lados, ou ao menos por um, coberta sim de pindoba como as mais. Neste casarão ou grande aula do maricá se ajuntam como em câmara para os seus conselhos de guerra; nesta mesma fazem as suas festas beberronais, ou os seus saraus, danças e mais funções (DANIEL, 2004 [1757-1776], p. 280).

As informações coletadas por João Daniel são corroboradas por aquelas até aqui discutidas, sobretudo a respeito do propósito alimentar e defensivo para a construção de palafitas. Além disso, o religioso também observou um espaço diferenciado dentro da aldeia, neste caso, um recinto coletivo destinado à reunião dos chefes e festividades.

Como síntese de toda a discussão até aqui apresentada, a seguir apresentamos uma sistematização das informações associadas às moradias palafíticas coletadas nas fontes etnohistóricas, bem como um mapa com a dispersão destas sociedades no continente americano, em especial nas terras baixas da América do Sul (Mapa 1 e Quadro 1):



Mapa 1. Distribuição geográfica de grupos indígenas palafíticos nas terras baixas da América do Sul.

Quadro 1. Caracterização etnohistórica, etnográfica e arqueológica das palafitas na América do Sul e áreas adjacentes.

Nome do grupo indígena e filiação linguística quando houver	País onde ocorre	Nome das aldeias nas crônicas	Tamanho e características do assentamento	Espécie de madeira utilizada para confecção dos esteios	Tamanho dos esteios e elevação	Características do espaço coletivo	Hábitos alimentares e outros costumes	Razão da escolha do meio aquático	Moradia permanente ou acampamento?	Esferas de interação
Chocó, língua da família Chocó (Colômbia e Panamá)	Costa Pacífica da Colômbia		Aldeia circular com pequenas casas multifamiliares sustentadas por 4 esteios. Cobertura de palha				Horticultores. Cestaria. Pesca. Cerâmica-corpo com forma animal e humana. Reclusão de meninas na puberdade. Uso de chicha. Confeccionam estatuetas cerâmicas	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Faziam comércio de longa distância com os Guamo, Taparita, Warao e outros grupos nas Guianas
Barbacoa, língua da família Barbacoa	Costa Pacífica da Colômbia						Canoeiros	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Faziam comércio de longa distância com os Guamo, Taparita, Warao e outros grupos nas Guianas
Toro, língua do tronco Chibcha	Colômbia caribenha	Picasa					Canoeiros	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Catío ou Caquetío, língua do tronco Arawak	Colômbia caribenha e Panamá				7 metros de altura		Canoeiros. Ceramistas. Fabricavam jarros para fermentação da chicha.	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Migram para Aruba e Curaçao

Quiriquire, língua do tronco Karib	Colômbia caribenha e noroeste da Venezuela	Barbacoa	Aldeias pequenas e médias. Canoas navegam por debaixo das aldeias	Palmeira (caña)	Madeira alta		Canoeiros. Fabricavam jarros para fermentação da chicha.	Evitar mosquitos. Defesa (são flecheiros). Obtenção de peixes e crustáceos. Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Comercializavam peixe e milho com os Caquetío. Comercializavam sal e tabaco com os Jirajara e obtinham ouro
Jirajara, língua do tronco Arawak	Colômbia caribenha e noroeste da Venezuela		Casas retangulares			Casa destinada aos xamãs (piache)	Canoeiros. Fabricavam jarros para fermentação da chicha.	Obtenção de peixes e crustáceos. Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Comercializavam ouro em troca de sal e tabaco dos Caquetío
Antiochia, língua do tronco Chibcha	Colômbia caribenha		Habitadas por 200 pessoas. Uso de escadas para acessá-lo		7 metros de altura		Canoeiros	Defesa (são exímios flecheiros). Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
?	Cartagena, Colômbia		Aldeias construídas com 30, 40 ou 50 vigas grandes				Canoeiros	Defesa. Casas com seteiras. Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Onotos, língua do tronco Chibcha	Colômbia caribenha	Barbacoa	Aldeias pequenas e médias. Canoas navegam por debaixo das aldeias	Palmeira (caña)			Homens usam estojo peniano. Canoeiros	Defesa (são exímios flecheiros). Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Cuna, língua do tronco Chibcha	Golfo de Urubá, Panamá	Barbacoa	Casas retangulares. Uso de escadas para acessá-lo. Cada casa sustentada por 3 esteios. Cozinha anexa à casa.	Palmeiras	Madeiras altas	Destinada aos xamãs e rituais coletivos	Usavam narigueiras e adornos auriculares de ouro. Canoeiros. Horticultores. Pesca. Caça. Cestaria. Rituais de puberdade para meninos e meninas	Defesa. Exército de 200 homens (usavam flechas). Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Faziam comércio com os grupos das terras altas dos Andes. Traziam chicha da Colômbia.

Cayapa ou Chachi, língua do tronco Chibcha	Costa noroeste do Equador		3 casas retangulares multifamiliar. Havia um adoratório ou templo chamado de "igreja"	Madeira resistentes de árvores da família Tabebuia (ipê ou guayacan)	Mediam de 1,8 a 3,6 m. de comprimento, e se elevavam entre 0,6 e 1 m.	Destinado aos chefes e chamado de Casa Grande, com 27 m. de comprimento e 13 m de largura, onde cabiam 40 pessoas.	Horticultores. Pesca. Caça. Cerâmica sem decoração e usada para armazenar alimentos. Canoeiros.	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Ciboney	Cuba		Esteios colocados regularmente. Grande quantidade de casas.	Madeiras resistentes de árvores da família Combretaceae (yana), como a espécie Cortés amarillo (<i>Terminalia amazonia</i>),					Mora permanente	
Taíno, língua do tronco Arawak	Cuba								Moradia permanente	
?	Haiti	Barbacoa		Palmeira (caña)					Moradia permanente	
?	Porto Rico	Barbacoa		Palmeira (caña)					Moradia permanente	
Guamo	Lago Maracaibo, Venezuela	Casas à guina de sinos	Aldeias com 600 a 10.000 pessoas, com até 8 conjuntos de esteios					Para evitar o calor do sol. Para proteção das cheias dos rios. Mudavam-se a cada 7 anos. Obtenção de peixes e crustáceos	Moradia permanente	

Taparita, língua da família Otomaco-Taparita	Lago Maracaibo, Venezuela	Casas à guisa de sinos	Aldeias com 600 a 10.000 pessoas, com até 8 conjuntos de esteios					Para evitar o calor do sol. Para proteção das cheias dos rios. Mudavam-se a cada 7 anos. Obtenção de peixes e crustáceos	Moradia permanente	
Paraujano, língua da família Arawak	Noroeste da Venezuela							Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Fase Valência, sítio Los Tamarindos (península La Cabrera)	Lago Valência, Venezuela		Palafitas podem ter sido usadas, mas não foram encontrados vestígios materiais				Produziam cerâmica Inciso-Ponteadada, como estatuetas. Confeccionavam adornos de pedra verde e pingentes de concha. Povos Mucaria, Aragua e Tacarigua (língua do tronco Karib). Viviam às margens dos rios no período colonial			
Habitantes das ilhas Quinquevacoa	Delta do Orinoco, Venezuela	Casas à guisa de sinos	Aldeias com 20 casas chamadas de vilas e distritos conectadas por pontes levadiças e calçadas. Existência de portais	Madeiras maciças			Praticavam o canibalismo	Defesa. Obtenção de peixes e crustáceos. Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	Comercializavam pedras verdes e ouro com os chibchas

?	Golfo de Pária, delta do Orinoco, Venezuela		Aldeia grandíssima	Pau-brasil			Confeccionavam algodão finíssimo.	Defesa. Possuíam espadas de madeira. Para proteção das cheias dos rios. Obtenção de peixes e crustáceos	Moradia permanente	
Warao, Guarau, Warrau, Guaraúna, Titivas, língua da família Warao	Delta do Orinoco, Venezuela, norte das Guianas e Suriname	Aldeias sobre árvores	Aldeias com 6 a 8 casas irregulares com ruas. Existência de tablado feito com madeiras entrelaçadas.	Madeiras sólidas com uma das extremidades afiadas para colocação no leito dos rios. Palmeiras (gênero Mauritia)	Esteios variando entre 2 a 6 metros de comprimento	Plaza coletiva para danças e bailes. Adorató-rio para deuses ancestrais. Casa de reclusão das mulheres		Defesa. São guerreiros. Para proteção das cheias dos rios. Obtenção de peixes e crustáceos	Moradia permanente	
Machifaro	Alto Amazonas, Brasil		Aldeias pequenas com casas quadradas grandes. Cobertura de palha.				Plantavam mandioca. Bebiam cauim (comparado ao vinho da Espanha)	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Enxárcia	Próximas ao rio Paru e Xingu, no baixo Amazonas, Brasil	Casas de jiraus e barbacoas	Aldeia com paliçada de madeira	Palmeiras			Presença de um chefe supremo. Produziam sal. Alimentam-se de peixes. Canoeiros.	Defesa. Uso de troneiras para flechar. Exército de 100 homens. Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	

Yurimáguas ou Solimões, língua da família Tupiguarani	Amazônia brasileira, rio Solimões	Casas sobre jiraus, picasa			Esteios altos	Presença de um chefe supremo. Produziam cerâmica policroma.	Plantavam muitas raízes, como mandioca, inhame e batatas. Plantavam milho e cultivavam variadas frutas	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Omágua, língua da família Tupiguarani	Alto Amazonas e Peru	Casas sobre jiraus	Esteios feitos com palmeiras. Cobertura de folhas de palmeira. Uso de cipós para prender os esteios. Casas grandes e sem cômodos. Aldeias entre 100 e 200 habitantes.			Presença de um espaço maior e coletivo que chamam de casa do maricá, casarão ou casa grande		Defensivo. Obtenção de peixes e tartarugas. Para proteção das cheias dos rios.	Moradia permanente	

Galibi, Kaliña, língua Karib	Oiapoque. Amapá e Guiana Francesa		Aldeia de 250 por 400 metros				Praticam o xamanismo e fabricam cauim. Cestaria. Horticultores. Cerâmica bícroma (preto sobre branco). Caça. Pesca. Reclusão para meninos com aspiração xamânica e meninas na primeira menstruação.	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Tikuna, língua da família Tikuna	Rio Solimões, Brasil, Peru e Colômbia		Casas retangulares. Quando vivem nas margens dos rios ou ilhas constroem palafitas				Horticultores. Cerâmica policroma. Pesca. Caça. Cestaria. Rituais de menstruação para as meninas. Praticam o xamanismo	Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Bororo Orientais, língua do tronco Macro-Jê	Mato Grosso, Brasil e Bolívia		Uso de esteio mestre vertical presos a vigas horizontais. Cobertura de palha					Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	

Goitacazes?, língua tapuia	Rio de Janeiro, Brasil							Para proteção das cheias dos rios	Moradia permanente	
Caramapin, Nheengaíba	Foz do rio Pacajás, Pará, Brasil	Iuras, giraos, jiraus, sobrado	Aldeias com mais de 3 núcleos de esteios. Nação maior que a dos Tupinambá. Esteios feitos com palmeiras. Cobertura de folhas de palmeira. Uso de cipós para prender os esteios. Casas grandes e sem cômodos. Aldeias entre 100 e 200 habitantes.			Presença de um espaço maior e coletivo que chamam de casa do maricá, casarão ou casa grande	São ferozes. Praticam o canibalismo. Conhecem o algodão. São flecheiros e exímios guerreiros	Defensivo. Obtenção de peixes e tartarugas.	Moradia permanente	
Purus	Rio Purus, Amazônia brasileira		Esteios feitos com palmeiras. Cobertura de folhas de palmeira. Uso de cipós para prender os esteios. Casas grandes e sem cômodos. Aldeias entre 100 e 200 habitantes.			Presença de um espaço maior e coletivo que chamam de casa do maricá, casarão ou Casa Grande	Coletores. Não praticam a agricultura. Canoeiros. Usam balestas e não flechas.	Defensivo. Obtenção de peixes e tartarugas	Moradia permanente	

AS PESQUISAS ARQUEOLÓGICAS SOBRE AS ESTEARIAS NO MARANHÃO

Paralelamente ao registro etnohistórico, moradias palafíticas pré-coloniais conhecidas como *estearias* e datadas entre 100 a 1100 AD foram descobertas na Baixada Maranhense, uma área estuarina na porção ocidental do estado do Maranhão (LOPES, 1924; NAVARRO, 2017, 2018a, 2018b; NAVARRO *et al.*, 2017; NAVARRO; PROUS, 2020) (Figura 10).



Figura 10. Esteios do sítio Cabeludo, rio Turiaguá, Maranhão. Fonte: Acervo LARQ-UFMA.

Diversas características materiais corroboram o registro etnohistórico. O principal deles é o mapeamento destes sítios arqueológicos. Essa atividade revelou uma hierarquia na construção dos assentamentos. Geralmente, a aldeia tinha de 5 a 8 grupos de esteios, como relatado por Vespúcio entre os Warao. Os grupos menores devem corresponder aos espaços residenciais, uma vez que os artefatos recuperados desses conjuntos se caracterizam por objetos com evidência de cocção a partir de crostas carbônicas depositadas na face externa da vasilha cerâmica. Já os conjuntos maiores indicam um espaço coletivo, *i.e.* uma praça, local para a realização de festividades a exemplo de danças, consumo de bebidas e comida, rituais ou para reunião e assembleia dos principais, anciãos e xamãs (Figura 11). Pinturas remetendo à pele da anaconda sobre a superfície externa dos vasilhames indica seu uso xamânico, como apontado por Roosevelt (1996) e Navarro (2020), uma vez que essa serpente está associada ao mundo sobrenatural da criação. A maioria dos artefatos cerâmicos pintados são oriundos desses espaços (NAVARRO *et al.*, 2017; NAVARRO, 2018a; NAVARRO, 2018b; NAVARRO, 2020).

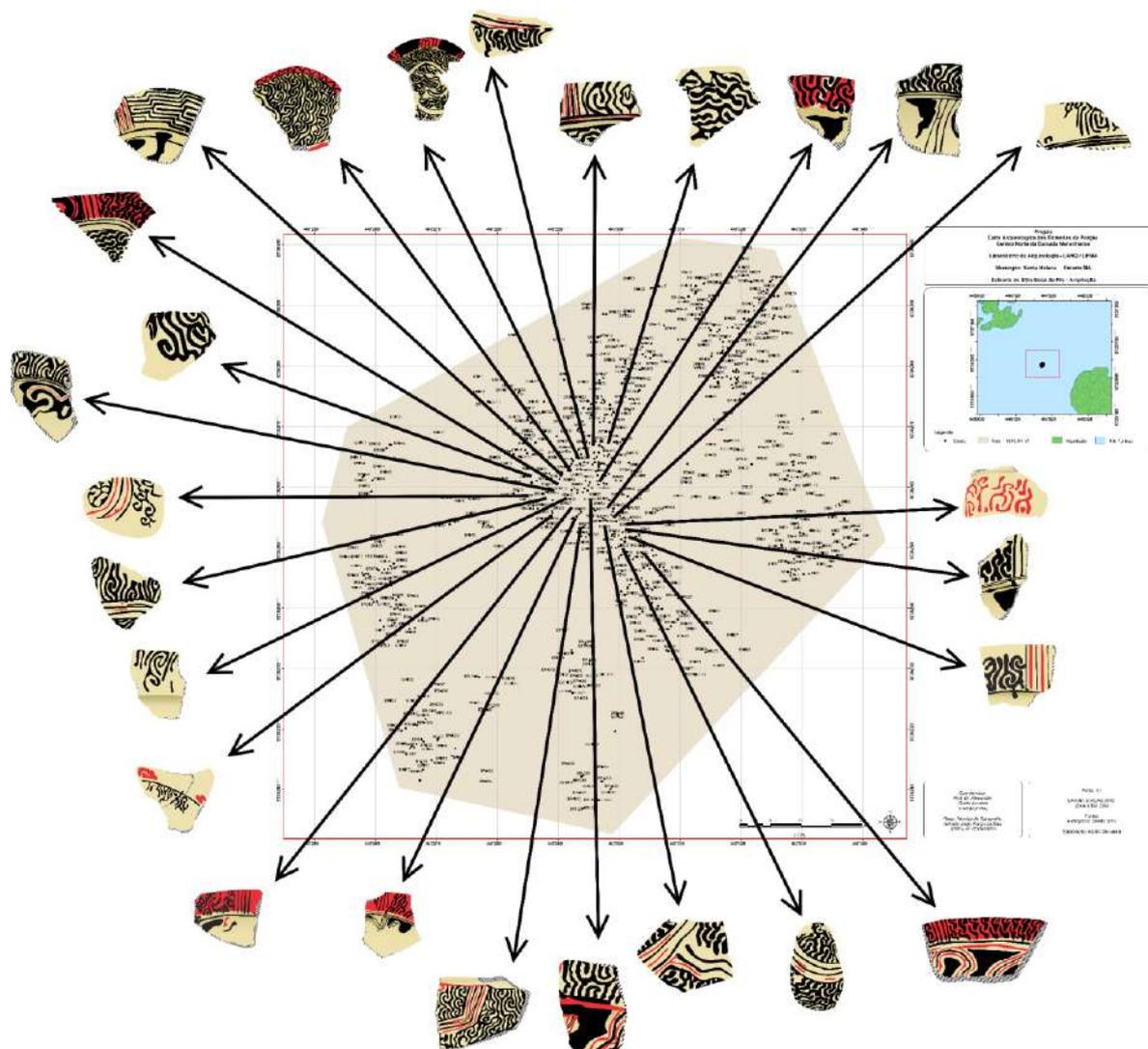


Figura 11. Estearia do Cabeludo e a dispersão da cerâmica policroma. Desenho de Mayara Rocha.

A menção de D'Évreux de Ponts aux Changes e de Saint Michel em Paris traz uma informação importante: essas pontes medievais eram lineares, indicando que as palafitas do Pará também o eram. O mapeamento das estearias evidencia, do mesmo modo, uma aldeia formada por núcleos de esteios dispostos linearmente ao longo do rio, assim como as casas que se uniam por palafitas e formavam as pontes na França medieval (Figura 12). Carvajal (*apud* PORRO, 1992) relatou aldeias lineares do longo do rio Amazonas. Roosevelt, ao escavar Marajó, também encontrou este tipo de arranjo espacial. As estearias parecem obedecer a esse mesmo sistema cognitivo e cultural de construção das palafitas.



Figura 12. Casas de palafitas serviam como pontes na França medieval. D'Évreux comparou as aldeias indígenas às casas, pois essas também estavam dispostas linearmente. Fonte: Wikipedia.

A comparação dos dados arqueológicos das estearias com o registro etnohistórico é eloquente e ilustra práticas culturais e arquitetônicas semelhantes quanto à construção das aldeias no Maranhão. Eis alguns exemplos. Os Catío, das terras baixas da Colômbia, construíam palafitas de até 7 metros de altura (HERNÁNDEZ de ALBA, 1948). Esteios com 8 metros de altura também foram relatados pelos cronistas entre os Warao. Levando em consideração o regime pluviométrico amazônico da Baixada Maranhense, em que na cheia os rios alcançam os 7 metros de altura, e na seca forma-se apenas uma lâmina de água de 50 centímetros nesses mesmos corpos hídricos, parece plausível que os esteios para a construção das estearias pudessem ser altos também. Corroborando esta possibilidade, em um dos trabalhos de campo nas estearias escavamos um esteio no sítio da Lontra através de um trado manual, para verificar as dimensões da madeira, constatando in loco o comprimento de 2,87 metros do exemplar (Figura 13). A base do esteio foi queimada revelando que esta técnica foi utilizada para o corte do tronco que também foi esculpido, possivelmente por golpes de lâmina de machado para originar um formato pontiagudo, cujo objetivo deveria ser o de facilitar o enterramento do esteio no leito do rio. O esteio foi devolvido à sua posição natural após a medição.



Figura 13. Exemplar de esteio escavado da estearia da Lontra, cujo comprimento é de 2,87 metros e com a base esculpida por fogo. Fonte: Acervo LARQ-UFMA.

Já os Cayapa ou Cachi do Equador usaram madeiras resistentes da família *Tabebuia* (ipê) para a construção das aldeias objetivando uma melhor resistência e duração (BARRET, 1925). Em recente artigo, Navarro *et al.* (2021) demonstraram que os povos das estearias usaram a mesma madeira para a construção de suas aldeias, e parece que pelos mesmos motivos que os Cayapa.

Quanto ao número de conjuntos de esteios, Kidder II (1948) revela que os Warao possuíam de 6 a 8 conjuntos, exatamente a mesma quantidade nas estearias, a exemplo da estearia do Cabeludo, com 8 grupos de esteios (NAVARRO, 2018a; 2018b). Chama a atenção que vários relatos dos cronistas mencionam a existência de um grupo maior de esteios relacionado a um espaço diferenciado e especial na aldeia, sendo denominado pelos autores como “adoratório”, “casarão”, “grande aula” e “casa de reunião” (GUMILLA, 1731; ROOSEVELT, 2019). Devido ao fato de a maioria dos artefatos recuperados neste grande espaço nas estearias ser aqueles de maior destaque artístico, como a refinada pintura policroma e as estatuetas antropomorfas e zoomorfas, isso corrobora a existência desses espaços coletivos para atividade ritual e política.

Sobre as esferas de interação entre os grupos palafiteiros, Angleria (1964 [1516]) lembra que aqueles do lago Maracaibo na Venezuela comercializavam objetos em pedra verde (muiraquitãs?) com grupos indígenas do interior da Venezuela e com a costa da Colômbia. No Peru, grupos palafíticos comercializavam ouro com os grupos andinos segundo Oviedo y Valdés (1855). Pedras verdes também foram encontradas nas estearias. O exemplar coletado por Raimundo Lopes (1924) e aquele coletado por Navarro (NAVARRO *et al.*, 2017) e outros dois exemplares estudados por Navarro e Prous (2020) evidenciam artefatos de nefrita, mineral que não existe no Maranhão. Isto evidencia rotas de esferas de interação com o baixo Amazonas e talvez com o próprio Caribe e Antilhas, onde exemplares semelhantes também são recorrentes. Um peculiar mapa colonial do cartógrafo João Teixeira Albernaz (1629) mostra uma estrada chamada “Caminho do Maranhão para o Grão Pará” ligando o lago Maracu com a cidade de Belém. O referido lago é um importante recurso hídrico que abastece os lagos da Baixada Maranhense da região de Penalva, além do rio Pindaré, áreas onde estão localizadas várias estearias, como a Cacaria e a Trizidela, estudadas por Raimundo Lopes no início do século XX (Figura 14).



Figura 14. Mapa de João Teixeira de Albernaz mostrando uma estrada ligando os lagos da Baixada Maranhense e a foz do Amazonas. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão da documentação etnohistórica ampliou significativamente o horizonte de ocupação territorial de populações que viveram em palafitas nas terras baixas da América do Sul.

A principal constatação é que este tipo de moradia estava amplamente disseminado em dois biomas predominantemente tropicais: o primeiro, caracterizado pelo complexo estuarino da costa norte do continente sul-americano, desde o norte do Peru até o Maranhão, formando um arco quase que ininterrupto; e o segundo, assinalado por ocupações no interior do continente a partir do volumoso sistema hidrográfico de rios amazônicos.

Com base no levantamento realizado, os países que mais apresentaram habitações palafíticas no período da invasão europeia no século XVI foram a Colômbia e a Venezuela, na costa Atlântica e Pacífica; e o Brasil, no que tange aos rios no interior do continente sul-americano. A existência dessas moradias no golfo de Urabá no Panamá, já na América Central, e em ilhas como Porto Rico, Cuba e Haiti nas Grandes Antilhas indica uma expansão de ocupações palafíticas em áreas insulares. Palafitas também foram construídas pelos Calusa, um povo indígena que viveu no que hoje é o estado da Flórida nos Estados Unidos. Embora não tenha sido objeto deste artigo, a ocupação na Flórida amplia o arco de ocupações palafíticas em direção à América do Norte.

Este estudo de revisão indica que a principal causa para a construção de casas sobre esteios são os altos índices pluviométricos dessas regiões, cujos movimentos das águas das chuvas impactaram, inclusive, o aumento das marés, como no caso do delta da Venezuela, onde viviam os Warao. No entanto, outras razões culturais foram mencionadas pelos cronistas, dentre elas a proteção defensiva contra os inimigos, o ataque de insetos como os mosquitos e a captação de recursos alimentares, sobretudo peixes e crustáceos.

Um aspecto relevante da análise documental revelou que as sociedades palafíticas não eram uma sociedade exclusivamente endógena; ao contrário, relações comerciais com grupos distantes chamaram a atenção dos colonizadores. Exemplos são os palafiteiros da costa da Colômbia que usavam narigueiras e adornos auriculares de ouro trocados pelo sal que produziam com grupos dos Andes peruanos; ou ainda as pedras verdes que circulavam entre os grupos da costa Venezuela e os da costa atlântica da Colômbia.

Por fim, cabe mencionar os trabalhos realizados nas estearias do Maranhão. As pesquisas arqueológicas vão ao encontro do registro etnohistórico, como o caso do muiraquitã encontrado no sítio Boca do Rio e que parece ter sido trazido para a Baixada Maranhense através de rotas de esferas de interação com o baixo Amazonas ou com o Caribe. Os mapeamentos realizados nas estearias corroboram, por outro lado, a existência de uma arquitetura palafítica em que se destacam aldeias formadas por núcleos residenciais e um espaço coletivo. Por conta da orientação religiosa das expedições colonizadoras, os cronistas observaram de forma atenta as diversas “Casas Grandes”, “casarões”, “piaches”, sendo estas construções maiores para a reunião dos chefes ou caciques e dos xamãs e pajés. A estearia do Cabeludo possui oito conjuntos palafíticos dentro da aldeia, sendo um deles de grandes proporções. A coleta de superfície evidenciada por artefatos cerâmicos policromos, muiraquitãs e estatuetas, em detrimento dos espaços residenciais com ausência dessa materialidade, revela espaços com funções diferenciadas dentro da aldeia e em meio à água.

Fica por resolver ainda uma questão sobressalente: por que as habitações palafíticas pré-coloniais do Maranhão são as únicas preservadas no registro arqueológico dentre todos os povos indígenas das terras baixas da América do Sul aqui relatados?

A continuidade da construção de moradias em palafitas na atualidade nas regiões de várzeas amazônicas indica uma história indígena de longa duração. Os traços culturais

destes grupos apontam uma eficiente adaptação ecológica do ser humano ao ambiente alagadiço, que conta com alimento em abundância, a própria água potável das chuvas para o consumo e madeiras para a confecção de suas casas.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Profa. Dra. Anna C. Roosevelt, da University of Illinois Chicago, pelo incentivo em escrever este artigo e pelo acesso a sua biblioteca. Agradeço ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) pela autorização e renovações da coleta arqueológica através do processo 01494.000442/2013-37. À Fullbright Commission pela bolsa concedida na modalidade Visiting Professor Award na University of Illinois at Chicago. Às instituições onde pesquisei: Smithsonian Institution (Washington), Penn Museum (Filadélfia) e American Museum of Natural History (Nova York). À Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado do Maranhão (FAPEMA), pela concessão de diversos editais que fomentaram as pesquisas das estearias. Ao CNPq pela bolsa de produtividade (Processo 303620/2021-8). À Mayara Rocha pela confecção da tabela, à Esmeralda Lima pela transcrição de um documento e ao Avelino Gambim pela elaboração do mapa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERNAZ, João T. *Pequena Atlas do Maranhão e Grão Pará*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1629.
- ANDRÄ, Helmut; FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Americae Praeterita Eventa*. São Paulo: EDUSP, 1966.
- ANGLERÍA, Pietro M. *Décadas del Nuevo Mundo*. 2 vols. México: Porrúa, 1964 (1516).
- ANTOLÍNEZ, Gilberto. Aporte etnográfico de la relación geográfica de Nueva Segovia, 1579. *Acta Amer.*, vol. 1, n. 4, 1943.
- BARRETT, Samuel A. *The Cayapa Indians of Ecuador*. New York: Indian Notes Monographs, n. 40, 1925. 2 vols.
- BLEICHER, Niels; HARB, Christian. Settlement and social organisation in the late fourth millennium BC in Central Europe: The waterlogged site of Zurich-Parkhaus Opéra. *Antiquity* 92 (365), p. 1210-1230, 2018.
- DANIEL, João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas: 1722 – 1776*. Rio de Janeiro, vol. 1, Contraponto, 2004 [1757-1776].
- D'ÉVREUX, Yves. *Continuação da História das coisas mais memoráveis acontecidas no Maranhão nos anos 1613 e 1614*. Brasília: Senado Federal, 2008 [1615].
- EBERSBACH, Renate. Houses, households, and settlements: architecture and living space. In: MENOTTI, F.; O'SULLIVAN, A. (eds.). *The Oxford Handbook of Wetland Archaeology*, p. 283-301. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- HARRINGTON, Mark R. *Cuba before Columbus*. New York: Indian Notes Monographs, 1921. 2 vols.
- GUMILLA, Joseph. *Historia natural, civil y geográfica de las naciones situadas en las riveras del rio Orinoco*. 2 vols. Barcelona, 1741.

- HILHOUSE, William. Memoir on the Warow land of British Guiana. *Journ. Roy. Geogr. Soc.*, vol. 4, p. 321-332, 1834.
- HERNÁNDEZ de ALBA, Gregorio. Tribes of Northwestern Venezuela. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians. Vol. 4. The Circum-Caribbean Tribes*, p. 469-474. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- HERNÁNDEZ de ALBA, Gregorio. The Cultures of Northwest South America. Sub-Andean Tribes of the Valley of Cauca. In: STEWARD, J. (ed.). *The Handbook of South American Indians, Vol. 4. The Circum-Caribbean Tribes*, p. 297-327. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- IBGE. Censo Populacional de 2016.
- KIDDER II, Alfred. The Archaeology of Venezuela. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians. Vol. 4, The Circum-Caribbean Tribes*, p. 413-438. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- KIRCHHOFF, Paul. The Caribbean Lowlands Tribes: the Mosquito, Sumo, Paya, and Jicaque. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians. Vol. 4, The Circum-Caribbean Tribes*, p. 219-230. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- KIRCHHOFF, Paul. The Warrau. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians, Vol. 3, The Tropical Forest Tribes*, p. 869-881. Washington, DC: SMITHSONIAN INSTITUTION, 1948.
- LICO, GERARD. *Arkitekturang Filipino: a History of Architecture and Urbanism in the Philippines*. Manila: University of the Philippines Press, 2008.
- LOPES, Raimundo. A civilização lacustre do Brasil. *Boletim do Museu Nacional* 1 (2), p. 87-109, 1924.
- LOWIE, Robert. The Bororo. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians, vol. 1, The Marginal Tribes*, p. 419-434. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- MAGNY, M. Holocene Climatic Variability as Reflected by Mid-European Lake-Level Fluctuations, and Its Probably impact on Prehistoric Human Settlements. *Quaternary International* 113: 65-79, 2004.
- MARONI, Pablo. Noticias auténticas del famoso Río Marañón (1738) seguidas de las relaciones de los padres P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740). Lima: Monumenta Amazónica/Iquitos, 1988.
- MERCIANA, Frei Antonio da. *Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate*. AHU-ACL-CU-013, Cx. 1, D.9
- MORENO, Diogo de Campos. *Jornada do Maranhão: por ordem de Sua Majestade feita o ano de 1614*. Brasília: Senado Federal, 2011.
- NAVARRO, Alexandre G.; PROUS, André. Os muiraquitãs das estearias do Lago Cajari depositados no Museu Nacional (RJ). *Revista de Arqueologia*, v. 33, p. 66-91, 2020.
- NAVARRO, Alexandre G. New evidence for late first-millennium AD stilt-house settlements in Eastern Amazonia. *Antiquity*. v. 92, n. 366, p.1586-603, 2018a.
- NAVARRO, Alexandre G. Morando no meio de rios e lagos: mapeamento e análise cerâmica de quatro estearias do Maranhão. *Revista de Arqueologia*, vol. 31, n. 1, pp.73-103, 2018b.
- NAVARRO, Alexandre G.; COSTA, Marcondes L.; SILVA, Abraão S. N. F.; ANGÉLICA, Rômulo S.; RODRIGUES, Suyanne S.; GOUVEIA NETO, João C. O muiraquitã da estearia da Boca do Rio,

- Santa Helena, Maranhão: estudo arqueológico, mineralógico e simbólico. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 12(3): 869-894, 2017.
- NAVARRO, Alexandre G. As cidades lacustres do Maranhão: as estearias sob um olhar histórico e arqueológico. *Diálogos*, vol. 21, n.3, pp. 126-142, 2017.
- NIMUENDAJÚ, Curt. The Tucuna. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 3, p. 713-725. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- OLIVEIRA, Ernesto; GALHANO, Fernando. *Palheiros do Litoral Central Português*. Lisboa: Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnografia Popular, 1964.
- OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo F. *Historia General y Natural de las Indias, Islas y Tierras-Firme del Mar Océano*, Tomos I, II, III e IV. Madri: La Real Academia de la Historia, (1852-1855).
- PÉTREQUIN, Pierre. Lake-Dwelling in the Alpine Region. In: MENOTTI, F.; O'SULLIVAN, A. (eds.). *The Oxford Handbook of Wetland Archaeology*, p. 254-267. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- PÉTREQUIN, Pierre; PÉTREQUIN, Anne-Marie. *Habitat lacustre du Benin*. Une approche ethno-archéologique. Paris: Editions Recherche sur les Civilisations, 1984.
- PORRO, Anna C. *As crônicas do rio Amazonas. Notas etno-históricas sobre as antigas populações indígenas da Amazônia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- RALEIGH, Sir Walter. *The Discoverie of the Large, Rich and Bewtiful Empyre of Guiana*. Londres: Robert Robinson, 1596.
- ROOSEVELT, Anna C. The Warao of the Orinoco Delta: A Culture of Stilt Villagers, p. 231-296. In: NAVARRO, Alexandre G. (org.). *A Civilização Lacustre e a Baixada Maranhense. Da Pré-História dos campos inundáveis aos dias atuais*. São Luís: EDUFMA, 2019.
- ROOSEVELT, Anna C. (1991). *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil*. Nova York: Academic Press.
- ROUSE, Irving. The Ciboney. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians, Vol. 4, The Circum-Caribbean Tribes*, p. 497-506. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- SALAS, Julio C. *Los indios Caribes, estudio sobre el origen del mito de la antropofagia*. Madri: Talleres Gráficos Lux, 1920.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.
- SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. São Paulo: Edusp, 2004.
- SCHOMBURGK, Moritz R. *Reisen in Britisch-Guiana in den Jahren 1840-44*. 3 vols. Leipzig, 1847-48.
- SIMÓN, Pedro. *Noticias historiales de las conquistas de Tierra Firme en las Indias Occidentales*. 5 vols. Bogotá, 1882-1892.
- STEWART, Julian. *Handbook of South American Indians*. 7 vols. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.

- STEWART, Julian. The Circum-Caribbean Tribes: an Introduction. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 4, *The Circum-Caribbean Tribes*, p. 1-40. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- STOUT, David B. The Cuna. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 4, *The Circum-Caribbean Tribes*, p. 257-268. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- STOUT, David B. The Chocó. In: STEWARD, J. (ed.). *Handbook of South American Indians*, vol. 4, *The Circum-Caribbean Tribes*, p. 269-276. Washington, DC: Smithsonian Institution, 1948.
- VASCONCELLOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesu do estado do Brasil e do que obraram seus filhos n'esta parte do novo mundo em que se trata da entrada da Companhia de Jesu nas partes do Brasil, dos fundamentos que n'ellas lançaram e continuaram seus religiosos, e algumas noticias antecedentes, curiosas e necessarias das cousas d'aquelle estado*. Lisboa: A.J. Fernandes Lopes, 1865 (1663).
- VESPÚCIO, Américo. *Novo Mundo. As cartas que batizaram a América*. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2014.
- VÁSQUEZ, Francisco. Vázquez, F. Relación de todo lo que sucedió en la jornada de Amagua y Dorado, que el gobernador don Pedro de Orsúa fue a descubrir, con poderes y comisiones que le dio el virrey marqués de Cañete, presidente de Perú. Trátase, asimismo, del alzamiento de don Hernando de Guzmán y Lope de Aguirre y otros tiranos, Biblioteca Nacional de Madrid, Ms. 3199. In SERRANO y SANZ, M. *Historiadores de las Indias*, tomo 2. Madri: Bailly/Bailliére e Hijos eds., p. 423-484, 1909.
- VIEIRA, Padre Antonio. Cópia de uma carta para El-Rei Nosso Senhor, sobre as missões do Ceará, do Maranhão, do Pará, e do grande Rio das Amazonas. *Revista Trimensal de Historia e Geographia, ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, tomo quarto, n. 13, p. 111-127. Rio de Janeiro: Imprensa Americana de I. P. da Costa, 1842.